

O Gravador

Rubem Fonseca *

"Eu trabalho com um Grundig, um National e um Webcor."

"Qual está com defeito?"

"São todos estereofônicos. Mas algumas coisas eu gravo em monoaural."

(Os telefonemas, por exemplo)

"Sim, mas qual está com defeito?"

"O Webcor. Está com som de barril."

"Deve ser o microfone."

"Talvez."

"Ou então a cabeça do gravador."

"Talvez."

"O senhor manda o gravador e o microfone aqui que eu vou ver."

"Não posso." *(não posso, não posso)* "O senhor não pode mandar apanhar aqui?"
Stop.

(Rodei pela casa em grande velocidade, sem bater num móvel sequer. Minha agilidade é muito grande. Sempre desejei jogar basquete. Um dia vou à Associação para me inscrever no time.)

(Ajustei o gravador em mono.)

"Boa tarde. Aqui é do Instituto Brasileiro de Opinião."

"O quê?"

"A senhora quer fazer o favor de chamar a dona da casa?"

"Eu sou a dona da casa."

"Aqui é do Instituto Brasileiro de Opinião Pública."

"Sim senhor."

"Nós estamos fazendo uma pesquisa de opinião para saber o que pensa o povo brasileiro da eutanásia."

"Eutanásia? O senhor se refere ao acto de matar uma pessoa para evitar que ela sofra?"

"Exactamente."

"Sou contra. O senhor pode colocar aí que eu sou contra. Veementemente contra."

"A senhora se incomoda de dar as razões?"

"Não, absolutamente. Acho que o sofrimento deve ser aliviado por entorpecentes, anestésicos, o que for necessário. A vida não deve ser abreviada por motivo algum. O senhor não acha?"

"Bem, quem está entrevistando a senhora sou eu."

"Sim, eu sei. Mas tenho a impressão que todos pensam como eu. Não pensam?"

"Bem, se a senhora quer dizer que em matéria de eutanásia é impossível dizer-se alguma coisa original, eu concordo com a senhora. A maioria das pessoas alega que a qualquer momento pode se descobrir uma cura para o sofrimento."

"O câncer, por exemplo."

"Ou então que somente Deus pode tirar a vida dos outros."

"É isso mesmo."

"O que é uma afirmativa horrível, a senhora não concorda?"

"Bem —"

"Mas há também afirmações favoráveis, baseadas sempre no desejo de aliviar o sofrimento de alguém considerado irremediavelmente perdido."

"Mas essas pessoas estão erradas!"

"Quase sempre são pessoas que cuidaram exaustivamente de parentes submetidos a uma longa agonia. Ou então enfermeiras. Muitas enfermeiras

* Conto de *A Coleira do Cão* (1965)

adoptam esse ponto de vista. Isso não a surpreende?"
"É claro que me surpreende. Afinal de contas existem anestésicos, alívios para o sofrimento físico."
"E o sofrimento moral?"
"Como assim?"
"Quando não há dor física que a anestesia possa aliviar."
"Como assim?"
"Uma pessoa angustiada porque o mundo não é bom para ela, porque perdeu tudo, como Job, por exemplo, porque está só e abandonada, porque perdeu a esperança —"
"Como assim?"
"Uma pessoa sofrendo mental e emocionalmente, é o que quero dizer."
(Houve um silêncio do outro lado.)
"O senhor podia me dizer o seu nome?"
"Pois não: Jorge Vale."
(Outro silêncio.)
"Sr. Jorge, eu agora estou muito ocupada, eu — eu, não poderei continuar conversando com o senhor."
"Mas minha senhora, perdoe minha insistência, mas o inquérito não está terminado, há muitas coisas que eu gostaria ainda de lhe perguntar. A nossa pesquisa é muito séria e participando dela a senhora está contribuindo para a elaboração de um importante documento social —"
"Eu lhe telefono depois. Eu posso lhe telefonar depois?"
(Uma certa urgência na voz?)
"Eu lhe telefono depois."
Click.
(Voltei a fita ao ponto inicial e ouvi tudo de novo.)
"Sr. Jorge, eu agora estou muito ocupada, eu — eu, não poderei continuar conversando com o senhor."
(Havia mesmo suspeita)
"Sr. Jorge, eu agora estou muito ocupada, eu — eu, não poderei continuar conversando com o senhor."
(A suspeita estava clara)
"Eu lhe telefono depois. Eu posso lhe telefonar depois?"
(Havia urgência)
"Eu lhe telefono depois. Eu posso lhe telefonar depois?"
(Havia urgência e suspeita. A suspeita continuava. Eu devia ter feito a gravação em estéreo e depois reproduzido a fita nos quatro alto-falantes.)
O telefone tocou. Mudei o botão, que estava na faixa 1-3 para estéreo. Aumentei a velocidade de 3.3/4 para 7

1/2.

Tirim, tirim. *(Record. Luz verde. Modulei.)*

"Alô."

"Meu filho?"

"Sim, mamãe."

"O teu telefone vive ocupado. Com quem é que você conversa tanto?"

"Com os meus amigos!"

"Você não tem amigos."

"Ora, mamãe, a senhora é que não os conhece."

"Como, se você nunca sai de casa?"

"Mas tenho e pronto."

"Mas você não sai de casa!"

"Ora, mamãe..."

"Está bem. Não precisa se zangar com sua mãe."

"Eu não estou zangado."

"Fico tão preocupada com você aí sozinho!"

"Mas não precisa. Eu sei tomar conta de mim."

"Está bem. Logo mais vou aí botar você na cama."

"Não precisa. Já disse um milhão de vezes que não precisa."

"Vou aí para te ver."

"Já disse um milhão de vezes que não precisa!"

Eu sei me deitar sozinho."

"Eu vou aí para ajudar. Para te ver."

"Eu sei me deitar sozinho."

"Meu filho... Oh! meu filho, você é tão teimoso!"

Eu estava com o rosto todo cheio de creme quando o telefone tocou. É um creme especial para rugas que, ao contrário dos outros, deve ser usado durante o dia. Isso tem uma certa lógica, pois, ao dormir, a pessoa acaba limpando o creme no travesseiro, principalmente alguém que tenha o sono agitado, como eu. Eu acredito em tratamentos de beleza. Uma pele cuidada é sempre mais bonita do que uma pele castigada pelo sol ou pela falta de limpeza. Não é uma questão de vaidade. É mais uma questão de orgulho. Talvez o orgulho seja o meu fraco, reconheço.

Mas o telefone tocou quando eu estava com o rosto cheio de creme e quando eu estou com creme no rosto eu não sei fazer nada e muito menos falar ao telefone. Nessas ocasiões eu gosto de ficar no sofá, imóvel, descansando, sem ter ninguém que me incomode. Eu tenho uma porção de manias. Roupa limpa de cama é uma

que ser mau, pois a roda é má, é horrível, ainda que útil, útil, útil. É escravizante. A senhora não acha que a roda é escravizante?"

"Boa noite, meu filho."

"É ou não é escravizante?"

"Boa noite, meu filho."

(Silêncio)

"Responda, meu filho, por favor, eu não quero desligar sem você me responder."

Click.

Trolotrolotro-trolotrolotro-trolotrolotro-trolotrolotro-trolotrolotro. Purr-purr-purr-purr-purr

"Alô"

"Nós não acabamos a nossa conversa de ontem."

"Ah, é o senhor?"

"Sou eu."

"Como tem passado o senhor?"

"Bem. E a senhora?"

"Bem. Obrigado. O senhor sabe que eu não sei o seu nome?"

"É Jorge. Jorge Vale. Eu lhe falei ontem, não falei?"

(Não muito convincente. Teria se esquecido mesmo ou estaria mentindo?)

"Quem não sabe o seu nome sou eu."

(Uma pausa)

"Aa-alice. Alice."

"Pois é, D. Alice, eu fiquei aguardando que a senhora me telefonasse, mas depois me lembrei que eu não lhe havia dado o meu telefone."

"É verdade."

(Outra pausa)

"O quê que o senhor faz?"

"Minha profissão?"

"É."

"Eu sou pesquisador de opinião pública. Como distração eu faço música concreta."

"Música concreta?"

"É uma música feita de ruídos que se transformam em sons, aumentando e diminuindo a velocidade da gravação. Os ruídos são todos montados numa fita que depois a gente ouve. Como se fosse um filme — cada som um fotograma. É a minha distração preferida."

"Eu gosto de ler."

"Isso eu também gosto. Mas eu sou um homem de acção. Não posso ficar sentado muito tempo."

(Essa frase me deixou irritado. Eu não faço outra coisa senão ficar sentado o dia inteiro.)

"Por sentado eu quero dizer ficar sem

fazer nada. Entendeu?"

"Mas ficar lendo não é ficar sem fazer nada, o senhor não acha?"

"Acho. Mas eu gosto de coisas que me ocupem, que me dêem trabalho físico, o que a leitura evidentemente não dá."

"Isso é porque o senhor não é dona de casa. A coisa que a dona de casa mais gosta é de ficar deitada, sem fazer esforço. Nós andamos quilómetros dentro de casa. O senhor sabia que nós andamos quilómetros dentro de casa, de um lado para o outro, da cozinha para a sala, da sala para o banheiro e de volta para a cozinha e para a sala — é uma coisa que não termina nunca. O senhor é casado?"

"Eu? Não, eu moro sozinho."

"Mas deve ter alguém para arrumar sua casa, fazer sua comida. Uma empregada, quero dizer."

"Não, não tenho. Eu mesmo arrumo minha casa, faço a minha comida. Às vezes minha mãe vem aqui, ver como vão as coisas. Mas eu prefiro que ela não venha, eu sei tomar conta de mim mesmo."

"O senhor é um homem excepcional. É a primeira vez que ouço falar uma coisa dessas."

"Que coisa dessas?"

"Um homem auto-suficiente. Todos os homens são tão dependentes! Têm sempre uma mulher tomando conta deles."

"Mas existem as excepções."

"É isso mesmo."

"E a senhora, é solteira?"

"Não, eu sou casada..."

"Ah, sei."

"Mas sou muito feliz com o meu marido."

"Tem filhos?"

"Não, não, nós, eehh, não, nós não temos filhos."

"Ah, sei."

"Mas é um casamento muito feliz o nosso. Dizem que os filhos fortalecem o matrimónio, nós não temos filhos mas nem por isso o nosso casamento é menos feliz."

"Sim, é lógico. Tudo depende..."

"Das pessoas se entenderem. Tudo depende das pessoas se entenderem."

"É, tudo depende das pessoas se entenderem."

"O senhor deve ser muito moço. A sua voz é de um homem muito moço. Cheio de vitalidade."

"Eu tenho trinta anos."

"Então não ficará solteiro muito tempo."

Nessa idade os homens correm um enorme risco."

"Um risco? A senhora quer dizer que o casamento é uma questão de sorte?"

"Talvez. Não sei. Eu tive muita sorte, sou muito feliz no meu casamento, mas vejo tanta gente infeliz por aí, casais que não se entendem, que vivem uma vida de cão e gato, ou então uma vida triste, sem entusiasmo, sem amor, em que ambos se conformam com a vida miserável que levam, sem coragem de partir os laços que os unem e começar uma vida nova. Eu tenho muita pena dessa gente, talvez por ser feliz e poder ter pena dos outros, em vez de ter pena de mim mesmo."

(Pena dos outros. Pena da gente.)

"Ligo para a senhora amanhã."

"O senhor deve ter outras coisas para fazer e eu aqui prendendo o senhor no telefone..."

"Não, não, absolutamente. Eu tenho mesmo que —"

"Eu sei, eu sei."

"Por favor, a senhora não pense que —"

"É claro que não, eu, eu, aguardo o seu telefonema."

"Então, até logo. Ligo amanhã. Até logo."

Jorge me telefonou. Não creio mais que seja alguém mandado pelo meu marido. Sua voz é tão honesta, séria. Tem trinta anos. Nessa idade o homem não é mais romântico, mas ele parece ser: sempre tão respeitador, me chamando de senhora o tempo todo. Vive sozinho e faz a sua própria comida; pelo menos é o que ele diz e não creio que ele minta. Que interesse ele teria em mentir?

Ele é muito simpático e atencioso, mas teve alguma coisa que o deixou perturbado. Foi quando eu disse que sentia pena das pessoas e que eu só sentia pena das pessoas porque não sentia pena de mim mesma. Quando disse isso, ele ficou calado algum tempo, como que analisando aquilo que eu dissera. Eu tinha dito também que era muito feliz no casamento. Teria sido por isso? Teria ele algum interesse em mim, algum interesse como mulher e o facto de eu ser casada e feliz o tenha deixado perturbado por ele ser tão sério que não pode pensar em ter uma aventura com uma mulher nessas

circunstâncias? É bom que ele pense assim. Aliás, se não fosse isso, eu não estaria falando com ele pelo telefone. Eu não sou desse tipo de mulher que faz essas coisas. Não que eu seja feliz com o meu marido. Feliz eu não sou. Não adianta mentir para mim mesma. Posso mentir para os outros, mas não para mim mesma. Já pude mentir para mim mesma, mas isso foi no princípio, logo que nos casamos. Demorei muito a aceitar a verdade a respeito do homem com quem casei. Eu ficava dizendo, todos os homens são assim, o casamento é isso mesmo, você tem que se conformar e afinal ele não é tão ruim, foi muito melhor você ter casado do que ficar solteirona para o resto da vida. Foi esse aliás o meu erro. Eu escolhi muito e encontrava um defeito em todos os homens que me cortejavam — um não tinha os dentes bonitos, outro não era inteligente, outro não tinha lido os livros que eu lera, outro era considerado muito baixinho pelas minhas amigas, o outro tinha um emprego sem futuro, o outro era meio mulato, o outro se vestia mal — em todos eu achava um defeito, eu e minhas amigas, um defeito que nada tinha a ver com o carácter deles, mas apenas com a aparência física.

Enquanto isso, o tempo foi passando, minhas amigas se casaram e o mais engraçado é que se casaram com homens que tinham características que achávamos desagradáveis — uma delas casou com um homem pequenino e careca e outra casou com um mulato mesmo e ambas são muito felizes hoje, é preciso que se note. Eu demorei a casar e já me sentia no fim quando Jorge surgiu. Eu me casaria com qualquer um, àquela altura dos acontecimentos, essa é que é a verdade. Como ele era um homem bonito, a minha decisão foi tomada imediatamente. Fiz tudo para que ele se casasse comigo. Tudo, tudo e sobre isso não quero nem pensar, fico cheia de vergonha. Mas, afinal casámos. Cometi aí o grande erro da minha vida, agora eu sei, não posso mais ter dúvidas quanto a isso. Ele nunca teve amor por mim, nenhum tipo de amor, a não ser algum desejo físico, que em pouco tempo se rotinizou. Eu sou uma criada para ele, uma mulher que toma conta das suas coisas e com quem ele vai para a cama quando lhe dá na

veneta. É uma coisa horrível, ir para a cama com ele, sentir o seu peso em cima de mim. Eu me sinto uma cadela, um ser desprezível e infeliz. Teve época em que eu não me incomodava que ele fizesse aquilo comigo, me procurasse na cama. Sentir prazer eu não sentia, mas não me incomodava e até queria que ele o fizesse, apesar de toda a brutalidade que ele punha no acto. Eu queria porque, apesar de detestá-lo e saber que ele não tinha por mim um pingão de amor ou carinho, ou compreensão ou respeito, eu queria porque aquilo era bom para o meu amor próprio, me dava alguma serventia como mulher. Era tudo muito sórdido, reconheço, mas eu queria que ele o fizesse e fingia que gostava. Às vezes era até bom para a minha insónia. Ele também não me procurava muitas vezes; me procurava quando bebia ou quando trazia para casa um daqueles livros indecentes que ele costumava comprar e queria que eu lesse. Dizia para mim, "lê, lê, isso vai te fazer bem." Mas eu me recusava a ler o livro, ali, na frente dele, como ele fazia comigo. Mas lia escondido quando ele saía para o trabalho, na banheira, onde me masturbava e esse era todo o prazer sexual que a vida me dava; depois da primeira vez, eu senti vergonha, mas só depois da primeira vez. Me acostumei a fazer aquilo e era bom, era bom, era melhor do que ter um homem sobre mim cheirando a álcool, grunhindo como um porco e que depois de saciado se virava para um lado, sem se limpar, sem dizer uma palavra, sem um gesto de entendimento. Ele roncava todas as noites, mas nessas noites ele roncava mais alto e eu o empurrava e ele parava um pouco e logo depois recomeçava a roncar e eu desistia de empurrá-lo e ficava ouvindo os sons roucos da sua garganta. Isso é que é amor?, pensava, e tinha vontade de chorar, mas não conseguia. Mas eu não tenho raiva dele, sei que ele não é o único homem assim, nem eu sou a única mulher que sofre essas coisas. Já até li isso num livro, igualzinho, do homem virar para o lado e ficar roncando depois do acto. Ainda ontem li um livro em que isso acontecia tal e qual como acontece comigo, só que tem que a mulher, frustrada, procura um amante e eu seria incapaz de fazer

uma coisa dessas. Nunca faria uma coisa dessas. Seria uma indignidade.

"Hoje está fazendo três meses que nos conhecemos."

"Hoje?"

"Hoje, sim, dia 23. Os homens não guardam datas, mas as mulheres guardam."

"Eu tenho péssima memória." (*Minha memória está em fitas magnéticas de 1.200 pés*)

"Você está arrependido?"

"Arrependido?"

"De me ter conhecido?"

"Não, claro que não."

"Nem eu. Nós ainda não nos vimos, mas eu conheço você como se você fosse, como se você fosse, fosse — meu irmão. Um irmão de quem eu gostasse muito."

"Você para mim é mais do que isso."

"Sou mesmo?"

"Mais do que uma irmã."

"O quê que eu sou? Diz para mim."

"Eu não sei dizer. Só sei que eu penso em você o tempo todo."

"Eu também, eu também penso em você o tempo todo. Você também é mais do que um irmão para mim."

(*Fita rodando, gravando o nosso silêncio. Um longo momento*)

"Eu estou muito feliz. Há anos que não me sinto tão feliz assim."

"Eu também, Alice."

"Meu nome não é Alice. É Alda. Há muito tempo que eu queria-lhe dizer isso, mas fiquei com vergonha de confessar que havia mentido. Mas agora não me incomoda. Eu menti para você! Meu nome é Alda. Foi a única e a última mentira que eu disse para você. Nunca mais mentirei, meu bem. Nunca mais, eu sei que nunca mais."

"Não faz mal. Eu não pensava em você como Alice. Eu pensava em você como alguém, uma mulher cuja voz eu precisava ouvir diariamente para poder ter alguma alegria na vida. Eu também menti: eu não sou de nenhum instituto de opinião."

"Se você soubesse como você é tudo para mim!"

"Eu sei. Você também é tudo para mim."

"Você mudou a minha vida, Jorge. Eu era muito infeliz, sabe? Meu bem, essa foi outra mentira que eu disse para você."

"Qual?"

"Lembra o dia em que eu te disse que era muito feliz com o meu, com o meu —"

"Lembro." (*Quantas vezes havia tocado aquela fita!*)

"Pois era mentira. Eu nunca fui feliz com ele. Nunca. E muito menos agora. Só você me dá felicidade. A sua voz, as coisas que você me diz, a sua lembrança que eu levo para a cama todas as noites comigo e que me faz dormir um sono bom e tranquilo, só você, a quem eu amo, viu?, só você me faz feliz!"

Eu decidi abandonar o meu marido. Não posso mais viver com ele. Talvez ele não se incomode muito com isso, não creio que ele goste de mim. Não somos sequer amigos, no sentido trivial da palavra. Ele não se interessa pelo meu bem-estar, não quer saber se estou feliz ou infeliz e quando estou doente me trata com impaciência, como se eu tivesse cometido algum crime. Nunca me levou para ver um filme que eu quisesse ver; só gosta de filme de *cowboy*, até dos piores, com artistas desconhecidos e histórias idiotas, sem o menor interesse para ninguém, a não ser um menino de oito anos. Eu não me incomodaria se ele fosse um menino de oito anos. Mas ele nada tem de menino, ele é um homem, de pele grossa, gordo; e pensar que já foi magro alguns anos atrás. Além de tudo, é extremamente vulgar. As pessoas quando dormem, mesmo os homens, lembro-me de meus dois irmãos, têm um ar desamparado, frágil, doce e triste, mas não ele: o seu rosto fica ainda mais duro, mais ofensivo, seu corpo se espoja na cama como o de um bicho que estivesse digerindo uma enorme quantidade de comida repugnante; sua barriga gorda e cabeluda cai sobre a cama numa posição obscena, cuja visão causa o maior asco: ele ronca e sua, vestido nas suas cuecas largas. As cuecas são o seu uniforme. Mal chega em casa, ele se põe de cuecas; janta de cuecas e depois assiste à televisão de cuecas, tomando cerveja, duas, às vezes três garrafas. Estou casada com esse homem há quase dez anos. Ou eu o abandono agora ou nunca mais. A verdade é que as mulheres têm uma enorme capacidade de se acostumar às coisas sórdidas. Eu, por exemplo, sinto

prazer com a raiva e o desprezo que tenho por ele; com as pequenas vinganças que exerço; com os enganos a que o submeto. Compenso desta maneira a vida ruim que levo com ele, me satisfaço com coisas assim, como tirar dinheiro da sua carteira sem que ele perceba, ou inventar despesas da casa inexistentes, ou ainda deixar patente sua ignorância e falta de educação. Preciso fugir disso o quanto antes, o ódio, ou o que seja, que sinto por ele está fazendo com que eu a ele me iguale e daqui a pouco não sei mais qual dos dois será pior que o outro. Que bom que eu tenha percebido isso a tempo, que no casamento o pior é que leva sempre a melhor, o parceiro bom é sempre destruído pelo mau, pois o vício é mais forte do que a virtude. É preciso abandoná-lo. Preciso coragem para isso. Tenho rezado muito nas últimas noites, para ter forças para ir a ele e dizer "não quero mais viver com você, não quero e não adianta pedir." Não lhe direi toda a verdade. Direi — "nosso gênio não combina, minha vida é infeliz, você arranjará uma mulher boa para você, é melhor eu ir embora, não quero nada de você, nem pensão nem nada." Arranjarei um emprego. Sei que meus pais ficarão muito tristes com isso tudo. Em nossa família nunca houve um caso de desquite. Principalmente minha mãe, que dá muita importância a essas coisas todas. Terei que conversar com ela antes, dizer-lhe que não posso continuar vivendo com Jorge, que serei mais feliz assim, muito mais feliz. Agora sei quais as qualidades que uma mulher deve buscar num homem: bondade, compreensão, paciência, carácter, decência.

Uma bola de papel que joga na cesta. Afasto-me o mais possível para testar a minha pontaria. Acerto sempre.

Trimmm!

Fhuh-fhuh-fhuh-fhuh-fhuh. (*Roda*)

Tleckt (*Tecla record*)

"Alô"

"Como vai?"

"Eu vou bem, e você?"

"Eu vou bem. Pensou em mim?"

"Muito."

"Eu também. Sem parar um instante."

"Eu pensei em você sozinha e em você em relação a mim. Pensei em nós

dois."
"Meu bem, igualzinho a mim. Também pensei em nós dois. Antes eu ficava pensando em coisas assim como a cor dos teus olhos ou o jeito da tua boca, ou em como seriam os teus dedos e para tudo eu inventava uma coisa — os teus olhos eram verdes, tua boca tinha duas covinhas e era larga, de dentes brancos e certos, teus dedos fortes, de unhas limpas, tudo isso eu pensava e repensava, mudava a cor dos olhos, o formato da boca. Mas essas eram as coisas em que eu pensava no início. Agora isso já não importa, tudo que importa em você eu já conheço, não preciso mais imaginar: é a capacidade que você tem de fazer da relação entre o homem e a mulher alguma coisa digna e bonita, apesar de ainda ser cedo, quer dizer, espero que você me entenda, eu ainda não vi você nem estivemos juntos, mas posso desde logo prever tudo, você me entende, não? Sabe o que eu quero dizer com isto tudo, não sabe?"
"Claro, meu bem. Nós não precisamos nos ver para saber disso."
"Mas agora eu quero ver você, eu tenho uma coisa muito importante para te dizer e tem que ser pessoalmente, é melhor se for pessoalmente, não sei, sabe, como dizer isso pelo telefone. Alô, alô, Jorge?"
"S-sim."
"Pensei que você tinha desligado."
"Não... não, é que —"
"Não estou ouvindo nada, quer falar mais alto?"
"Eh... hum, eh..."
"Não estou entendendo nada."
"Não sei se já podemos."
"Podemos o quê?"
"Nos encontrar."
"Mas o quê que impede?"
"Não sei."
"Ah, meu bem, deixa de ser bobo, deixa de ser bobinho, nós vamos nos encontrar na rua, para conversarmos. Eu tenho uma coisa muito importante para te dizer."
"Você não pode dizer pelo telefone? Diz pelo telefone."
"Não posso. Quer dizer, posso, mas não quero, acho que devo te dizer isso pessoalmente, entendeu?"
"Não. Acho que qualquer coisa que pode ser dita pessoalmente pode ser dita pelo telefone."
"Mas meu bem, eu quero encontrar

com você, eu tenho essa coisa para te dizer!"
"Mas que coisa é essa tão importante que você não pode me dizer pelo telefone? Você parece criança, fazendo mistério e vai ver é uma bobagem à-toa."
"Está certo, meu bem, esquece isso, eu não quero te irritar —"
"Eu não estou irritado, minha querida, palavra de honra, não estou mesmo. Sei lá, acho que eu saio tão pouco de casa que só em pensar nisso fico perturbado."
"Você quer então que eu vá aí?"
"Não!"
"Jorge!"
"Me desculpa, meu bem, eu hoje não estou num bom dia."
"Eu sei, querido, eu sei, querido, mas não se preocupe com isso não, viu? eu entendo."
"Quem tem razão é você, meu bem, nós temos que nos encontrar mesmo, mais dia, menos dia. Olha! você quer se encontrar, está bem, nós nos encontramos. Mas olha, eu não sou nada do que você está pensando, nada."
"Eu sei, meu bem."
"Você não sabe nada."
"Está certo, eu não sei nada. Você realmente está com um gênio horrível hoje."
"Você sabia que eu, que eu..."
"Sim, meu bem."
"Que eu..."
"Alô, alô"
"Eu..."
"Você está se sentindo mal, meu bem? Aconteceu alguma coisa?"
"Não, estou bem."
"Você está tão diferente..."
"Onde é que você quer se encontrar comigo?"
"Onde você quiser, meu bem."
"Não, você diz."
"Na praça, no centro, perto da estátua, daquela estátua que você diz ser muito feia."
"Quando?"
"Amanhã, de manhã, às dez horas. Está bem?"
"Está."
"Nem dormirei, pensando no meu encontro. Estou tão feliz, Jorge!"
"Até amanhã."
"Até amanhã."
(Desligo o telefone)
"Mamãe?"
"Sim, meu filho, como vai você?"

"Vou bem."
"Vai bem mesmo?"
"Vou mamãe, vou."
"Tua voz está diferente."
"Eu vou bem, mamãe, eu vou bem, mamãe, eu vou bem, mamãe."
"Está certo, não precisa me maltratar."
"Eu não quero maltratar a senhora. Eu só quero que a senhora mande o Pedro aqui amanhã."
"Você vai sair?"
"Mande o Pedro aqui amanhã, mamãe."
"Você vai sair?"
"Mande o Pedro aqui amanhã, mamãe, bem cedo."
Click.

Dormi mal a noite inteira. Acordei várias vezes. É sempre assim, quando a gente quer dormir não consegue. Estou numa idade em que não posso mais passar uma noite sem dormir, sem que isso apareça no meu rosto. Não que eu seja velha, ainda não tenho quarenta anos. Mas quando passo uma noite sem dormir, os meus olhos ficam com olheiras e a minha pele fica ruim, eu pelo menos fico com essa impressão. Houve uma ocasião em que me levantei e fui ver o meu rosto no banheiro; estava horrível, amarelo, flácido e as rugas em volta dos meus olhos estavam fundas, chegavam a brilhar. Tenho amigas mais velhas do que eu cujo rosto não está assim tão vincado, mas elas levam uma vida mais feliz do que a minha. Não há coisa que envelheça mais a mulher do que o sofrimento. Jorge saiu às 8 horas. Nunca demorei tanto a me vestir! E a me pintar também. Fiz uma pintura moderna no meu rosto, como dessas mocinhas que encontro em Copacabana quando vou fazer compras. Tudo isso para nada. Esperei duas horas, duas horas

contadas no relógio e ele não apareceu. Olhava ansiosa todos os cantos da praça vazia, esperando que ele surgisse a qualquer momento. Quando algum homem aparecia, o meu coração batia apressado. Ele não foi. Uma chuvinha fina caía quando cheguei, mas não podia ser esse o motivo. A chuva nem dava para molhar, havia mesmo na praça uma babá com duas crianças e um paraplégico numa cadeira de rodas, sendo empurrado por seu empregado. Ele não apareceu. A praça ficou totalmente vazia, depois de algum tempo. A chuva aumentou de intensidade, estragou o penteado que eu custara tanto a fazer, molhou meu rosto e minhas roupas, mas eu nem senti, fiquei ali debaixo da chuva, esperando.

Depois fui para casa. Alguma coisa devia ter acontecido, alguma coisa de força maior, pois ele não faltaria se não fosse por um motivo muito importante. Liguei várias vezes, mas o seu telefone não atendia. Liguei o dia inteiro, sem parar, até de noite, quando o meu marido chegou.

Tirrim. Tirrim. Tirrim, Tirrim. Tirrim. Tirrim

(Perto da janela vi o dia escurecendo muito lentamente)

(Peguei o telefone. Disquei)

"Mamãe?"

"Meu filho, o que foi que aconteceu? Liguei para você o dia inteiro e você não atendeu."

"Nada, não quis atender o telefone."

"Você vive me assustando!"

"Vem aqui, mamãe, vem aqui, hoje."

"Sim, meu filho, vou imediatamente."

Você quer que a mamãezinha ponha você para dormir, quer?"

"Sim, mamãe, quero, vem me pôr para dormir."

